

Reflexões sobre o uso das formas de tratamento entre santistas: aspectos sociolingüísticos e funcionais

Artarxerxes Tiago Tácito Modesto (USP)

Rua Luiz José de Mello, 97 – Tude Bastos – Praia Grande – SP 11725-110

masterartax@hotmail.com

Abstract. *This paper brings a quantitative study of the ways of address tu and você/ce in the city of Santos, trying to find relevant factors to the variation of these pronouns. Supported by Variacionist Sociolinguistics methodology, we try to explain what are the importance of different interactional situations – expressivity and monitoring – let the speakers to choose one of these pronouns. The corpus is constituted by 10 recordings of conversations, five of them are secret and five non-secret, in different contexts. We verify, therefore, how do the discursive factors can explain this variation. The perspective of analysis is the functional view: we consider the objective of the speaking event, the participants and the discursive context.*

Keywords. *ways of address, pronouns, você, tu.*

Resumo. *Este artigo traz um estudo quantitativo das formas de tratamento tu e você/ce na cidade de Santos, com o intuito de buscar esclarecimento de fatores relevantes para a variação do uso destas formas. Com o suporte da metodologia da Sociolingüística Variacionista Laboviana, busca-se explicitar até que ponto as diferentes situações interacionais – expressividade e monitoramento – levam os falantes a escolherem uma ou outra forma pronominal. Constituem o corpus analisado 10 inquéritos de conversações sendo cinco gravações secretas e cinco não-secretas, em situações contextuais diversas. Busca-se verificar assim, em que medida fatores discursivos podem explicar tal fato de variação. Adota-se, por conseguinte, uma perspectiva funcionalista de análise, já que se leva em conta toda a situação comunicativa: o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo.*

Palavras-chave. *Formas de tratamento, pronomes, você, tu*

1. Introdução

O objetivo central deste trabalho é investigar a variação estilística do uso das formas de tratamento na fala da comunidade santista sob uma perspectiva funcional. Trata-se de um estudo quantitativo das formas de tratamento *tu* e *você* com o intuito de buscar fatores relevantes para a escolha de uma ou outra forma.

Com o suporte da metodologia da Sociolingüística Variacionista Laboviana, buscaremos verificar em que medida fatores discursivos podem explicar tal fato de variação. Adotamos uma perspectiva funcionalista de análise, pois se leva em conta

toda a situação comunicativa: o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo.

Em Modesto (2004), analisamos a co-ocorrência das formas de tratamento *tu*, *você* - sua variante *ce* - e *senhor* numa peça teatral em três *continua*: monitoramento, tensão e envolvimento. Neste trabalho, consideraremos o *continuum* de monitoramento e o de expressividade.

2. Considerações Teóricas

2.1 O objeto de estudo

Assim como Silva (2003:170), “entendemos por formas de tratamento palavras ou sintagmas que o usuário da língua emprega para se dirigir e/ou se referir à outra pessoa”. Serão consideradas as formas direta ao interlocutor pronominalizadas e os índices de indeterminação do sujeito.

2.2 O aparato teórico

A Sociolinguística Variacionista (Labov:1983) analisa os efeitos dos fatores sociais e estilísticos sobre fatos de uso lingüístico, utilizando testes quantitativos e estatísticos na análise dos dados empíricos. O princípio fundamental da ciência sociolinguística é o de que as línguas apresentam uma heterogeneidade inerente, na medida em que incorporam, no nível do sistema, as regras variáveis, entendidas como diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade. Para este trabalho, consideramos o domínio pragmático-discursivo para análise da variação das formas de tratamento nos atos de fala.

As escolhas feitas pelo falante no ato de fala são consequência do que Labov (1983), ao estudar as diferenças nos usos da linguagem em seu contexto social, chama de *variação estilística*. O princípio básico da variação estilística é que o falante não utiliza a língua da mesma forma em todas as ocasiões, o que implica a escolha de diversas possibilidades de expressão. Para Labov, há um *continuum* que vai da máxima informalidade até a máxima formalidade.

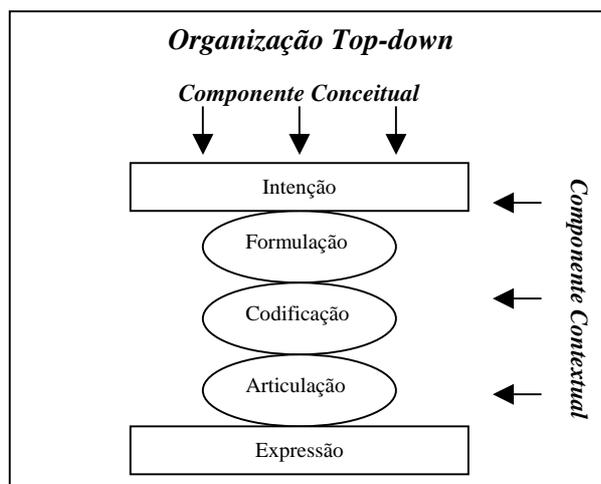
Segundo Chaica (1982), o estilo é um controlador da interação social, servindo como indicador de como os falantes devem agir durante o evento comunicativo. Segundo Emilio (2003:19), “estilo é o resultado de um trabalho de escolha lexical, morfológica, sintática, etc., e é na expressividade(...) que essa escolha se objetiva. [Essa] expressividade reside na força de persuadir, ou de transmitir conteúdos desejados, na capacidade apelativa, no poder de gerar elementos evocativos.”

O funcionalismo concebe a língua como um instrumento de comunicação, e seu princípio básico é que a situação comunicativa motiva, restringe, explica ou determina a estrutura gramatical. A língua é considerada “como um instrumento de interação social por meio do qual seres humanos podem se comunicar uns com os outros e, assim, influenciar mutuamente as atividades mentais e práticas.” (Dik,1989:1) Desta forma, a semântica é considerada como instrumental em relação à pragmática e a sintaxe é instrumental em relação à semântica. Nesse sentido, não há espaço para uma “sintaxe autônoma”.

Dik (1989:8) propõe um modelo de interação verbal que explica de maneira satisfatória o papel da expressão lingüística no modelo de interação verbal do falante. Esse modelo prevê uma “construção” em torno de uma expressão lingüística, mas esta serve apenas como mediadora entre os falantes. Há a intenção de um falante que deseja obter uma modificação na informação pragmática do outro, enquanto que o outro antecipa e reconstrói essa informação, reativando todo o modelo.

Nesse modelo, acreditamos que o contexto situacional constitui um fator importante para uma abstração inicial sobre a questão da escolha. É a partir dele que o falante seleciona o registro a ser utilizado em sua atuação lingüística. Suas escolhas no ato comunicacional estão ligadas ao papel que assumem na interação verbal e aos propósitos de seus atos de fala.

Os estudos recentes de análise gramatical funcional que estão levando em consideração unidades maiores e menores que a sentença apontam para uma Gramática Funcional do Discurso, este entendido como texto e interação (co-texto e contexto). Segundo Levelt (1989), as etapas de produção da fala são: 1) o falante decide qual vai ser seu propósito comunicativo (informações pragmáticas e contextuais), 2) seleciona a informação mais adequada para atingir seu objetivo, 3) codifica a informação em termos gramaticais e fonológicos e, por fim, 4) realiza o processo de articulação. Temos, então, o seguinte esquema:



A Gramática Funcional do Discurso considera três componentes essenciais: Conceitual (força motriz e dá suporte ao componente gramatical), Contextual (domínio discursivo a partir do qual são produzidas novas expressões lingüísticas no componente gramatical) e de Expressão (gerador de expressões acústicas e ortográficas).

Tentando-se demonstrar que cada forma de tratamento corresponde a certos contextos que a favorecem, foram controlados os seguintes fatores semântico-pragmáticos e estilísticos: monitoramento e expressividade.

O *continuum* de monitoramento (BORTONI-RICARDO:1997,2004) envolve desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem um certo nível de atenção do falante. Esse *continuum* busca dar conta de toda a dinâmica do processo interacional.

“Um(a) falante, diante de interlocutor desconhecido, de maior poder na hierarquia social ou a quem ele/a precisa ou deseja impressionar, sente-se na obrigação de usar um estilo mais cuidado. Para obter este efeito, necessita prestar mais atenção à forma de sua produção verbal. Pode-se resumir este processo, argumentando que o interlocutor é um dos fatores – talvez o mais importante – que determina o grau de pressão comunicativa que incide sobre o falante.” (1997:02)

CHAFE (1985) considera o envolvimento um dos elementos que caracterizam a língua falada. Ele considera três tipos de envolvimento:

- * o envolvimento dos interlocutores com o assunto da conversa;
- * o envolvimento do falante consigo mesmo (ego-envolvimento);
- * o envolvimento do falante com o ouvinte, relacionado com a dinâmica da interação com outra pessoa.

O *continuum* de expressividade leva em consideração os comportamentos comunicativos que os interlocutores possuem em determinados contextos e está ligado ao grau de envolvimento que é estabelecido com o conteúdo emitido (assunto da conversa). Foram levados em consideração também o ritmo prosódico e a entonação, bem como todo o contexto discursivo.

3. O corpus

Constituem o *corpus* analisado 10 inquéritos de conversações espontâneas realizadas entre falantes santistas, sendo cinco gravações secretas e cinco não-secretas, em situações contextuais diversas, tendo o cuidado de procurar elementos que favorecessem a informalidade (parentesco, amizade, idade, afinidades). Todos os informantes são santistas, acima de 18 anos. Os inquéritos variam de 12 a 40 minutos cada, somando um total de 3 horas de gravação.

4. Análise dos Dados

A quantificação geral dos dados em análise demonstra a preferência pela forma de tratamento *você* e sua variante *ce*, usada em 38% e 39% dos casos, respectivamente. A forma *tu*, característica do falar da região, aponta 23% de frequência.

Se levarmos em consideração o fator *monitoramento*, teremos o seguinte resultado:

Forma de tratamento	<i>você</i>	<i>ce</i>	<i>tu</i>	Monitoramento
Gravações Não Secretas	39%	54%	7%	+ monitoramento
Gravações Secretas	37%	30%	33%	- monitoramento

Consideramos aqui os fatores + ou – monitorado em relação ao tipo de gravação feito. Nas gravações secretas, entendemos que o contexto é de – monitoramento, pois os interlocutores não dispensam muita atenção ao modo como transmitem seus conteúdos, focalizando sua atenção principalmente no assunto da conversa.

Nas gravações não- secretas, entendemos que o contexto é de + monitoramento, pois a presença de um gravador faz com que os interlocutores, por mais proximidade, envolvimento ou afinidades que tenham entre si, prestem mais atenção ao estilo de fala que utilizam.

Nas gravações secretas, percebemos claramente que os informantes, sem preocupação quanto ao registro, alternam mais facilmente entre as três possibilidades de referência em análise, conforme podemos verificar no exemplo abaixo:

Exemplo 1

F1: é... só que *tu* tem que ir fazendo as fases até chegar né... igual aquela moto... aquela Harley lá... *ce* faz uma fase aí *você* ganha uma... aí depois começa a circular... são... três tipos de moto que eu vi até agora... uma igual a bizz, *ce* senta assim com pé... a outra é aquela lá que *ce* tava que era de... de... de fazer manobra mesmo né na duna... e... e a Harley... Ah e tem mais uma que é aquela... aquela Suzuki... corre pra caramba...

Exemplo 2

F2: eu vou fazer um... eu vou fazer um curso de eletrônica...
 F3: nossa mas *você* é... multifacetado heim...
 F2: filho do jeito que as coisas vai num sei se a gente tá empregado porque eu num sou efetivo em lugar nenhum sabia?
 F3: nem no Estado?
 F2: ((responde negativamente))
 F3: *tu* num passou no Estado?
 F2: passar eu passei só que... (num existe vagas...)
 F1: que número *tu* tá?
 F2: lá no Estado num tem vaga...ó... tá em... eu sou cinco mil... trezentos e dezesseis e minha nota foi... sessenta e cinco vírgula cinco... pra *ce* ter uma idéia... ((risos)) (...) a nota de corte de História é:..... quase nove...

Nas gravações não secretas, verificamos que a preferência é pela forma *ce*, pois esta se mostra de certa forma mais “formal” que a forma *tu* e menos “formal” que a forma *você*.

Exemplo 3

F4: num sei... eu... eu... ficaria... eu falo... eu ficaria revoltado... *você*... é que nem eu penso... *você*... vai ficando nervoso... quando *ce* fica nervoso *ce* num... mede o que *ce* faz... *ce* num... *ce* num mede o que *ce* faz... (...) eu acho... (que se eu ficasse nervoso)... eu ia procurar chamar... fulano... fulano... ir atrás... num sei o que... mas o certo mesmo... é *você* correr atrás da justiça... embora a justiça do Brasil seja lenta... ele... essa essa pessoa devia ser presa... e... responder pelo que ela fez né...

A forma *tu* fica restrita a situações em que o falante “esquece” que está sendo gravado e sua fala fica bastante informal:

Exemplo 4

F1: eu só vou comprar digital... quando... já for carne de vaca...
 F3: ah mas hoje em dia tem várias carne de vaca... *tu* já compra já umas mais... baratinha...
 F1: ah mas tá assim né de um dois megapixels...

Quanto à expressividade, analisamos apenas as gravações secretas, pois nas gravações monitoradas percebemos que há um maior controle do usuário sobre o fator expressividade, o que o torna menos espontâneo e natural. Obtivemos então os seguintes resultados:

Fator Expressividade no ato Comunicativo		
	<i>você</i>	<i>ce</i>
		<i>tu</i>

+ expressividade	32%	53%	87%
- expressividade	68%	47%	13%

Através da quantificação dos dados conforme elaborada acima, podemos comprovar a hipótese de que a forma *ce* é uma opção intermediária, que pode ser usada em contextos variados, desde aqueles com maior expressividade até aqueles com menor expressividade. Já a forma *tu* aparece em situações comunicativas em que há maior força de expressão no ato de fala, conforme os exemplos abaixo:

Exemplo 5

F1: ...ele me deu ele me deu uma retrucada uma vez que eu falei quase que eu falei pra ele bicho *tu* vai subir no banco *tu* vai dar na minha cara? (...)

Exemplo 6

F1: ai eu falo assim... Gilmério *tu* tá (bêbado) ((risos))é que...eu num tomei nenhuma hoje...(...) Meu Deus... situação... se já tá assim quando num tá bebendo imagine então quando parar de beber... mo::rre...

A forma padrão *você* aparece com maior frequência em contexto de menor expressividade, mas, conforme podemos observar nos exemplos abaixo, há também a possibilidade de aparecer nos atos comunicativos em que haja maior força expressiva. Na maioria das vezes, ela aparece junto com a forma *tu* :

Exemplo 6

F1: é... a missão que eu mais gostei até agora... ah essa é legal essa a/... porque as outras.../ ah... a que o... tipo muito louco... o carinho pega assim... ai *tu* tem que... entrar num lugar... que vai ter um cozinheiro o cozinheiro começa a falar com *você* num sei o que que é... ai... ai ele (atira assim quando) *você* começar a brigar com ele. Ai *você* mata o cozinheiro...

Exemplo 7

F1: ele joga pra *você* assim ai *você* aponta e sai correndo...ai *tu* tem que sair correndo atrás do negão ai ele entra no carro *tu* entra atrás dele... ai *você* sai correndo...
F2: no::sa....

5. Considerações Finais

Conforme Dik (1986), “there are also extragrammatical factors, however, which lead to complication rather than simplification of the form-meaning correspondence. This is (...) generally the case with those expressions types which serve to express politeness, deference and social distance”. Tal afirmação implica que os fatores contextuais, tais como monitoramento e expressão, entre outros, tendem a dar maior complexidade à análise gramatical devido à dificuldade em que se tem de controlar suas variáveis. Esse raciocínio pode ser fundamentado com os resultados apresentados neste trabalho. A alternância do uso dos pronomes de tratamento não se trata de uma questão meramente estrutural, intra-lingüística, e sim tem implicações contextuais que resultam na opção pelo falante na escolha das variantes.

Chegamos aqui à conclusão preliminar de que a forma de tratamento *tu*, usada na fala dos santistas, é evitada em contextos monitorados, e que a forma *ce* aparece como substituto daquela em situações mais monitoradas em que haja um grande envolvimento entre os interlocutores. A forma *tu*, desta forma, é adequada para situações em que exigem uma força pragmática mais expressiva, para que o conteúdo a ser transmitido ganhe força ilocucionária mais marcante. O fator expressividade mostrou-se relevante na medida que serviu como determinante na escolha da forma de tratamento adequada ao contexto comunicativo.

De acordo com os resultados quantitativos apresentados, a forma *tu* mostrou-se produtiva em contextos em que o falante põe maior peso expressivo em seu ato de fala, procurando enfatizar o conteúdo comunicado e intensificar a probabilidade de alteração pragmática no ouvinte.

Os resultados apresentados neste trabalho demonstram que na análise lingüística, os fatores externos devem também ser levados em consideração no momento da análise.

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (1997). A análise do português brasileiro em três continua: o *continuum* rural-urbano, o *continuum* de oralidade-letramento e o *continuum* de monitoração estilística. Congresso Substandard e Mudança no Português do Brasil. Berlim, outubro de 1997.

DIK, Simon C. *On the notion 'Functional Explanation'*. Working papers in functional grammar. University of Amsterdam, nº 11, 1986.

_____. *The theory of functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI -USA, Foris Publications, 1989.

CHAICA, Elaine (1982). *Language – The social Mirror*. Rowley:Newbury House Publ. 260 p.

LABOV, W. *Modelos Sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

LEVELT, W.J.M. *Speaking: from intention o articulation*. Cambridge:MIT Press, 1989.

SILVA, L.A.. Tratamentos familiares e referenciação dos papéis sociais. In: PRETI, Dino. (org). *Léxico na língua oral e escrita*. São Paulo, Humanitas,2003.

MODESTO, Artarxerxes Tiago T. Estudos sobre as formas de tratamento em uso na Baixada Santista/SP. Comunicação proferida no 52º Seminário do GEL, Unicamp, 2004.